



**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES**

**CURSO DE LETRAS**

**MICHAEL MARQUES SOARES**

**A IMPORTÂNCIA DOS OPERADORES ARGUMENTATIVOS NA  
PRODUÇÃO DO TEXTO DISSERTATIVO**

**BRASÍLIA  
2012**

**MICHAEL MARQUES SOARES**

**A IMPORTÂNCIA DOS OPERADORES ARGUMENTATIVOS NA  
PRODUÇÃO DO TEXTO DISSERTATIVO**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES, orientada pela Profa. MSc. Priscilla Santos

BRASÍLIA  
2012

**MICHAEL MARQUES SOARES**

**A IMPORTÂNCIA DOS OPERADORES ARGUMENTATIVOS NA  
PRODUÇÃO DO TEXTO DISSERTATIVO**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES, orientada pela Profa. MSc. Priscilla Santos

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. – UniCeub

---

Prof. – UniCeub

---

Prof. – Uniceub

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a minha mãe (Maria Soares) e a minha tia (Divina Soares), que foram peças elementares no alicerce de minha educação e que sempre me apoiaram e acreditaram nos meus objetivos.

A todos os professores do curso, que contribuíram enormemente para a minha vida acadêmica.

À professora Priscilla Santos, que contribuiu com todo seu arcabouço teórico e com toda a sua paciência para a elaboração desta monografia.

Aos amigos de graduação, Rubens Nascimento, Alessandra Suiany e Rodrigo Arruda, que me acompanharam nessa árdua trajetória e, sem os quais, estou certo, o caminho percorrido teria sido mais tortuoso.

*Tanto quanto acontece na arte, a retórica se dirige a pior parte da alma; àquela que é crédula e instável; suscetível de emoção e sensível ao prazer.*

Ana Rosa Luz

**RESUMO:**

Esta pesquisa tem como objetivo estudar as teorias que conceituam os operadores argumentativos e demonstrar como esses contribuem para a produção do texto dissertativo-argumentativo. A partir de uma perspectiva retórica, em que a língua falada e escrita é utilizada com fins persuasivos, o presente trabalho apresenta uma comparação entre as redações elaboradas por estudantes de Língua Portuguesa do Ensino Médio e os conceitos que estruturam os operadores argumentativos. A proposta é analisar como os alunos, mesmo inconscientemente, fazem uso da persuasão por meio de tais operadores.

**PALAVRAS – CHAVE:** Operadores argumentativos, persuasão, texto dissertativo – argumentativo.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO I .....</b>	<b>10</b>
<b>1. A HISTÓRIA DA RETÓRICA .....</b>	<b>10</b>
1.1 Fundamentos teóricos filosóficos da persuasão .....	12
1.2 A retórica e o texto dissertativo .....	13
<b>CAPÍTULO II .....</b>	<b>20</b>
<b>2. OPERADORES ARGUMENTATIVOS .....</b>	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>3. O TEXTO DISSERTATIVO NO AMBIENTE ESCOLAR .....</b>	<b>25</b>
3.1 Portanto .....	25
3.2 Já que / Porque .....	26
3.3 Então / Também .....	27
3.4 Até mesmo .....	28
3.5 Só .....	29
3.6 E .....	29
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>34</b>

## INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa intitulada “A importância dos operadores argumentativos na produção do texto dissertativo-argumentativo” é demonstrar a relevância e o diferencial persuasivo dos operadores argumentativos e como esses, por sua vez, contribuem para a produção de textos dissertativo-argumentativos mais persuasivos.

A escolha desse objeto deu-se a partir da percepção da dificuldade que os alunos possuem na produção de textos dissertativos argumentativos. A organização, exposição e defesa de ideias ainda são aspectos problemáticos para a grande maioria dos estudantes.

A fim de se contornar esses pontos negativos, buscaram-se, na Retórica, as fundamentações teóricas necessárias para a produção efetiva de textos com características persuasivas, pois, para produzi-los, é necessário que o estudante possua o conhecimento da língua falada, das estruturas gramaticais e, também, a habilidade de se exprimir corretamente.

A Retórica, por sua vez, contribui para a excelência da educação desde a antiguidade clássica. Nesse período, o ponto alto da formação acadêmica do aluno se dava quando ele detinha o pleno domínio da cultura oratória. Suas técnicas forneciam aos seus possuidores o conhecimento de toda a força persuasiva das palavras e uma enorme capacidade de expressão oral, o que permitia uma significativa habilidade persuasiva e de convencimento perante os demais.

O estudo da Retórica sempre buscou desenvolver em seus estudantes as habilidades de leitura, de investigação e de estruturação das ideias em nível do pensamento e da palavra. Entretanto, com o passar do tempo, o ensino da Língua Portuguesa foi se pautando somente na parte gramatical, e disciplinas como a Retórica e a Literatura foram perdendo seu espaço no processo educacional. Assim, o foco desta pesquisa é chamar a atenção do aluno para o fato de que não basta somente conhecer as regras gramaticais, mas também, que é possível explorar a língua em outros aspectos tal como o persuasivo que é, por sua vez, sempre exigido na hora de se produzir um texto dissertativo-argumentativo.

Dessa forma, a proposta do presente trabalho visa auxiliar tanto educador quanto educando. Ao docente, será fornecido um conhecimento adicional a respeito



dos operadores argumentativos e de novas formas para se estruturar um texto dissertativo-argumentativo. Ao discente, será proporcionado o conhecimento a respeito dos operadores argumentativos que servirão como ferramentas complementares e diferenciadas para uma produção mais eficiente do tipo de texto abordado, pois, para o aluno que almeja permear as várias áreas do conhecimento humano, seja no segmento acadêmico, profissional, e educacional, saber elaborar um bom texto passou a ser indispensável para o ingresso e o sucesso nesses e noutros campos do saber.

O presente trabalho apresenta três capítulos. O primeiro capítulo trata da origem da retórica, de suas fundamentações teóricas e de como o texto dissertativo-argumentativo se estrutura. O segundo capítulo consiste nas teorizações sobre os operadores argumentativos. O terceiro capítulo apresenta a metodologia de trabalho, fazendo um contraponto entre as teorias a respeito dos operadores argumentativos e as formas pelas quais os alunos de Língua Portuguesa do Ensino Médio os utilizam em suas produções de texto dissertativo-argumentativo.

## CAPÍTULO I

Este capítulo está organizado em três partes: A História da Retórica, os Fundamentos Teóricos Filosóficos da Persuasão e a Retórica e o Texto Dissertativo. A primeira parte descreverá a forma pela qual se originou a Retórica destacando, o estudioso que mais contribuiu para seu desenvolvimento, o filósofo grego Aristóteles. Em seguida, serão evidenciados como fundadores de todos os recursos persuasivos os elementos: ethos, pathos e logos. Em sua derradeira parte, a ênfase é dada ao objeto de pesquisa do presente trabalho, o Texto Dissertativo, elencando suas características essenciais e se propondo maneiras de se estruturar textos dessa natureza.

### 1. A HISTÓRIA DA RETÓRICA

A Retórica é uma das disciplinas humanas mais antigas. Na antiguidade clássica, era o modelo por excelência da educação. Embora alguns estudantes se formassem em Filosofia ou Matemática, o marco de sua graduação era atingido quando detinham o domínio da cultura oratória<sup>1</sup>.

Sua origem se deu na Grécia Antiga, onde os gregos já gostavam de desfrutar da força e da magia das suas próprias palavras como, por exemplo, em obras como a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero, as quais eram carregadas de eloquência e estilo, repletas de conselhos, assembleias e discursos, pois, já naquela época, falar bem era tão importante para os reis quanto para os heróis. Assim surgiu a Retórica, fruto da genial capacidade de expressão oral e inspirada na plena utilização da palavra com fins persuasivos<sup>2</sup>.

Tem-se, como um dos grandes teóricos e propulsor de pensamentos a respeito do estudo da Retórica, o filósofo grego Aristóteles (384 – 322 a.C.). O filósofo, conforme conta a história, nasceu no primeiro ano da Olimpíada, em 384/383 a.C., em Estagira (atualmente Stravos, Grécia), que fazia parte do reino da

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://www.rhetorike.ubi.pt/00/pdf/alexandre-junior-eficacia-retorica.pdf>>. Acesso em 14 de outubro de 2012

<sup>2</sup> **ARISTÓTELES**. *Retórica*. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

Macedônia e que fora colonizada pelos gregos. Foi filósofo altamente renomado, discípulo de Platão e professor de Alexandre, o Grande.

Criador da obra “Retórica”, uma das obras mais representativas no que compete ao estudo da Retórica, o autor viveu em um lugar propício para fomentar suas ideias a respeito da arte da argumentação. A Grécia, naquele período, era um cenário marcado por inúmeras transformações e agitações sociais. Conforme ilustra Lima (2011), a capital Atenas, cidade a qual servira como referência intelectual e política, foi o palco de todo o ceticismo<sup>3</sup> que se expandia em cada indivíduo. Todos queriam viver para os seus próprios negócios e o resultado desse comportamento era a carência do espírito coletivo. Faltavam orientações que conquistassem a confiança dos cidadãos para guiá-los no campo discursivo da verossimilhança<sup>4</sup>. O autor ainda acrescenta que, perante uma sociedade ameaçada por posturas egoístas e confusas, Aristóteles encontrou a oportunidade ideal para ordenar a construção dos discursos a serem proferidos em ambientes diversos (jurídicos, fúnebres, deliberativos, etc) com intuito de colocar à prova as suas teorias.

Conforme a própria definição de Aristóteles (2005), a Retórica é, pois, uma forma de comunicação, uma ciência que se ocupa dos princípios e das técnicas de comunicação. Dessa forma, Aristóteles busca descobrir em todo assunto o que é capaz de gerar a persuasão e as formas que compõem o discurso (ou *rethón*), considerando a situação social, o ambiente no qual a mensagem é proferida e as pessoas envolvidas.

Ainda, sobre a conceituação de Retórica, Edward Corbett<sup>5</sup> complementa:

[...] a Retórica de Aristóteles não é produto da mera idealização de princípios nascidos com ele e por ele convencionados para persuadir e convencer outras pessoas. É sim, o produto da experiência consumada de

<sup>3</sup> É a doutrina que afirma que não se pode obter nenhuma certeza absoluta a respeito da verdade, o que implica uma condição intelectual de questionamento permanente e na inadmissão da existência de fenômenos metafísicos, religiosos e dogmas.

Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/2890820>>. Acesso em 15 de setembro de 2012.

<sup>4</sup> A verossimilhança lida com o probabilístico, ou seja, o que é verossímil (*eikós*) não tem em si o sentido de verdade irrefutável. Quando verossímeis, os discursos proferidos podem ser mais ou menos confiáveis, aceitos (ou não) por um indivíduo (ou um grupo de pessoas) quando são comparados a outros pronunciamentos que, possivelmente, podem refutar os primeiros.

<sup>5</sup> **COBERTT**, Edward. *Classical Rehtoric for the Modern Man*. New York: Oxford University Press, 1971, tradução nossa)

hábeis oradores, a elaboração resultante da análise das suas estratégias, a codificação de preceitos nascidos da experiência com o objetivo de ajudar outros a exercitarem-se corretamente nas técnicas de persuasão.

Assim, parafraseando Junior (2000), o estudo da Retórica era utilizado com o intuito de ler, investigar e estruturar as ideias ao nível do pensamento e da palavra, contribuindo para a construção de discursos mais elaborados. Atesta, também, que as pessoas usavam as convenções da Retórica para resolver querelas e contradições, para argumentar questões da vida pública e privada, e para defender toda a sorte de causas. Pode-se, portanto, concluir que a sua aplicação era fundamental para a resolução de questões sociais, políticas e ideológicas, permitindo aos indivíduos dessa sociedade posicionar-se criticamente perante os diversos episódios de sua época.

Habilidades como a organização de ideias, a elaboração de textos mais persuasivos e a reflexão sobre questões sociais são características as quais são inerentes a Retórica e, indispensavelmente, precisam ser incluídas no ensino da Língua Portuguesa e, no que diz respeito a presente pesquisa, no ensino de produções textuais. Os educadores devem se aproveitar de todas as propriedades retóricas para desenvolver em seus alunos todos os conhecimentos necessários para que eles consigam, de fato, produzir textos dissertativo-argumentativos de qualidade.

### 1.1 Fundamentos teóricos filosóficos da persuasão

Aristóteles (2005) propôs que todo o poder de convencimento e influência técnica da persuasão está amparado e salvaguardado em três termos gregos, de onde emanam todos os outros meios e recursos persuasivos. São eles:

***Ethos***: o caráter de quem fala;

***Pathos***: a emoção de quem houve, e

***Logos***: a lógica dos argumentos.

Esses aspectos são conceituados por Motta (2009, p. 21) da seguinte forma:

**Ethos:**

sem dúvida alguma o caráter de quem fala e a boa impressão que consegue transmitir de si mesmo enquanto fala é de vital importância para provocar no ouvinte a confiança e a credibilidade, despertando maior predisposição para ser persuadido.

**Pathos:**

corresponde às emoções que o persuasor é capaz de produzir nos ouvintes: alegria ou tristeza, amor ou ódio, compaixão ou irritação, medo ou coragem, ambição ou desejo, ciúme, inveja etc. A emoção pode se determinante na decisão.

**Logos:**

constitui o discurso argumentativo, a construção e escolha das ideias, dos conceitos, das considerações e a coerência empregada e a forma de apresentação dos argumentos.

Os elementos persuasivos de ethos, pathos, logos estão todos interligados e são empregados simultaneamente, havendo a predominância de um ou de outro conforme a circunstância. Logo, quando se busca a plenitude na aplicação desses recursos, tem-se legitimado o ato de persuadir.

Motta (2009) explica que em termo empírico-científico, “persuasão” é um ramo do conhecimento que busca estudar, compreender e catalogar os fenômenos pelos quais os indivíduos são convencidos, influenciados e envolvidos afetivamente ao ponto de firmarem adesão. Para o alcance de tal finalidade, emprega-se, estrategicamente, a comunicação verbal e não verbal, argumentos e fatos legítimos e não legítimos, técnicas vocais, expressões faciais, gestos, cores, efeitos sonoros, figuras, palavras e frases de efeito, causando um impacto psicológico algumas vezes imperceptível à consciência, com o propósito de alcançar e envolver sutilmente outros indivíduos de forma que adotem certas linhas de conduta, apoiem teorias e vivam por determinadas crenças.

Esses três elementos podem ser trabalhados plenamente em prol do aluno. No que compete ao **Ethos**, o estudante deve ser conscientizado de que, para adquirir credibilidade perante o seu leitor, é imprescindível que detenha um amplo conhecimento a respeito do assunto que escolheu para a sua produção textual, seja ela falada ou escrita. No que diz respeito ao **Pathos**, o aluno precisa ser orientado sobre a importância da emoção exercida sobre o seu leitor, pois, dependendo do que esse interlocutor sentir, a sua decisão em aceitar, ou não, aquilo que foi proposto será afetada. No âmbito do **Logos**, o que pesa é a forma como se usa os argumentos. O educando deve compreender que não basta possuir boas ideias. O que faz a diferença no ato da persuasão é como as ideias são apregoadas e vendidas perante os leitores/ouvintes.

## 1.2 A retórica e o texto dissertativo

Na história, o primeiro registro de texto escrito surgiu por volta de 3.500 a.C, e era chamado de escrita cuneiforme<sup>6</sup>. Desenvolvida pelos sumérios, povos habitantes da Mesopotâmia (atualmente o Iraque), essa escrita surgiu da necessidade do homem de registrar seus pensamentos e experiências, a fim de perpassá-los para a posteridade.

Desde então, o texto escrito adquiriu suma importância no cotidiano das pessoas, estando presente em todas as áreas do conhecimento humano, seja no segmento acadêmico (na produção de resenhas, artigos), profissional (na elaboração de textos específicos conforme a área) e educacional (na alfabetização e no ensino em geral).

Em termos de estrutura, são cinco os tipos de texto existentes. Esses se dividem em: descritivo (retrato por escrito de pessoas, lugares etc.); narrativo (relata um fato fictício, ou não, envolvendo personagens); dissertativo e/ou expositivo

---

<sup>6</sup> Designação geral dada a certos tipos de escrita feita com auxílio de objetos em formato de cunha, criados para representar formas do mundo real.  
Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com.br/historiageral/origem-escrita.htm>>. Acesso em: 15 de outubro de 2012

(discorre, informa sobre um determinado assunto); injuntivo (indica como realizar uma ação) e; argumentativo (persuade e convence o leitor).

Entretanto, tem-se exigido, por parte de processos avaliativos tais como o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e os vestibulares de faculdades públicas e privadas em geral, a elaboração de um tipo de texto que pertence às categorias: dissertativo e argumentativo.

Essa variação textual é chamada de texto dissertativo-argumentativo e possui como característica primeira o teor opinativo, no qual se busca defender um ponto de vista sobre um determinado assunto:

O autor desse tipo de texto, por meio de explicações e argumentos, tem como objetivo formar a opinião do leitor/ouvinte e tentar convencê-lo de que a ideia defendida é correta. Para tanto, se faz uso de explicações e exposições de argumentos. Portanto, é argumentativo porque defende uma tese e é dissertativo porque é necessário o uso de uma série de explicações que a justifiquem. (Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br>>. Acesso em 15 de outubro de 2012).

Assim, por ser o texto dissertativo-argumentativo indispensável para os alunos no ingresso desses processos seletivos, o mesmo foi eleito como objeto de pesquisa do presente trabalho e será abordado através de algumas técnicas retóricas, as quais, fundadas nas raízes persuasivas anteriormente expostas, compõem a sua estrutura. Logo, o foco é fornecer ao professor de Língua Portuguesa do Ensino Médio um significativo aparato teórico, o qual o auxiliará em sua docência, fazendo a utilização de ferramentas que possibilitem contornar a grande dificuldade que os alunos possuem para produzir, ler e compreender textos de teor argumentativo.

Sendo assim, bem como sugere Cunha (2002), para alcançar tal objetivo é imprescindível trabalhar nos educandos suas capacidades de leitura e produção de textos dissertativos argumentativos em sala de aula. Ressalta que, somente através da Retórica, os estudantes são capazes de realizar, com mais eficiência, a persuasão pela palavra escrita. Assim, a autora atesta que essa meta só será atingida se houver um planejamento de texto (delimitação de tema, problema, hipóteses, tese) e a escolha de argumentos e recursos retóricos com o foco em determinados auditórios.

Entretanto, como o foco dessa pesquisa são as técnicas retóricas, a parte do planejamento de texto não receberá uma ênfase mais aprofundada, e será exposta somente em nível de conhecimento geral, pois sua importância também é elementar no que compete à elaboração de textos dissertativos argumentativos.

Conforme considera a estudiosa Helia Coelho<sup>7</sup>, ela sugere que antes da escrita propriamente dita do texto, o aluno deveria pensar em delimitar o seu tema, levantar questionamentos, responder a esses questionamentos, escolher uma das hipóteses para ser a sua tese e escolher os argumentos que servirão para a justificativa da tese. Ela elaborou um minicurso que segue o seguinte planejamento:

TEMA: Ensino de Redação

DELIMITAÇÕES DO TEMA:

- 1-Ensino do texto narrativo nas séries iniciais do ensino fundamental das escolas brasileiras atualmente - o papel da leitura
- 2-Ensino do texto dissertativo no segundo segmento do ensino fundamental das escolas brasileiras atualmente - o papel da leitura
- 3-Ensino do texto dissertativo no Ensino Médio das escolas brasileiras atualmente - o papel da leitura

TEMA DELIMITADO:

Ensino do texto dissertativo no Ensino Médio das escolas brasileiras atualmente - o papel da leitura

PROBLEMA:

Qual é o papel da leitura para o ensino da produção do texto dissertativo no Ensino Médio das escolas brasileiras atualmente?

HIPÓTESES:

- 1-A leitura de textos informativos é essencial para a produção de um bom texto dissertativo.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/enletrarte/article/viewFile/1701/885>>. Acesso em 16 de outubro de 2012.



- 2- A leitura de textos argumentativos é essencial para a produção de um bom texto dissertativo.
- 3- A leitura de textos informativos e argumentativos é essencial para a produção de um bom texto dissertativo.

#### TESE:

A leitura de textos informativos e argumentativos é essencial para a produção de um bom texto dissertativo.

#### ARGUMENTOS:

- 1- A leitura de textos informativos fornece ao estudante conhecimento dos fatos
- 2- Por meio da leitura de textos argumentativos, o estudante observa como se defende um posicionamento.

A autora destaca que com a aplicação de tal disposição de ideias, o aluno consegue visualizar claramente as informações e opiniões que possui e, conseqüentemente, estrutura e conhece melhor seu próprio ponto de vista.

Em complemento a essa forma de compor o texto dissertativo argumentativo, Aristóteles (2005) sugere que um texto deveria ter as seguintes partes:

**Exórdio:** serve para tornar o auditório receptivo à atuação do orador e fornecer uma introdução geral ao discurso, tornando evidente seu propósito e indicando claramente o assunto;

**Enunciação da tese:** Expõe-se a tese a qual se pretende defender;

**Prova:** meios ou recursos persuasivos de que se vale o orador para convencer o auditório e;

**Epílogo:** tem por objetivo deixar no auditório uma boa impressão do orador e recapitular brevemente os pontos principais do discurso.

Nota-se que nessa disposição apresentada, existe uma preocupação primordial com o interlocutor. Esse aspecto deve ser sempre reforçado com os

alunos, para que eles internalizem a ideia de que há sempre alguém do outro lado escutando/lendo e que pode, ou não, aceitar o que se está dizendo.

No entanto, a autora lembra que o padrão que se sugere como estrutura padrão do texto dissertativo é:

**INTRODUÇÃO:** é a apresentação do assunto a ser desenvolvido, é a tese, a ideia inicial, sem muitas explicações.

**DESENVOLVIMENTO:** é a elaboração discursiva da introdução, é a justificativa da ideia inicial, com a apresentação de mais detalhes, exemplos, citações, etc.

**CONCLUSÃO:** é a retomada da ideia inicial, é a apresentação de um resumo do que foi exposto ou argumentado no desenvolvimento.

A elaboração da redação sob esse formato não está equivocada, entretanto é preciso desenvolver nos alunos uma leitura e uma escrita que levem em consideração a estrutura e os recursos persuasivos utilizados para a defesa de sua tese (Cunha, 2002).

O texto dissertativo pode, ainda, ser elaborado a partir de outras teorias, as quais também têm sua origem na Retórica. Dentre elas estão: a Análise do Discurso, a Linguística Textual, a Análise da Conversação, a Estilística e a Semântica Argumentativa. Cada uma compõe a Retórica em várias frentes e detém plenamente as características de convencimento e persuasão. Todas são brevemente definidas a seguir conforme Cunha (2002).

A Análise do Discurso preocupa-se com a explicação e a avaliação crítica de textos, como e por que o texto diz e mostra, análise dos modos de dizer, de interagir e de seduzir.

A Linguística Textual descreve e explica a (inter)ação humana por meio da linguagem - coesão, coerência, informatividade, situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade.

A Análise da Conversação se detém no estudo de conhecimentos linguísticos, paralinguísticos e socioculturais que devem ser partilhados para que a interação seja bem sucedida- caráter pragmático da conversação.

A Estilística busca proporcionar, por meio do estudo da variação do uso da língua em vários grupos e segmentos (políticos, religiosos e literários), o estudo da expressão linguística escrita, considerando-lhe a capacidade de emocionar e suggestionar o leitor ou ouvinte.

Tem-se, por último, a Semântica Argumentativa, a qual analisa as categorias que dizem respeito ao uso da linguagem na interação dos locutores, estudo do sentido de construções gramaticais, implícitos, pressupostos e uso de operadores argumentativos.

Dentre essas teorias, a Semântica Argumentativa é a que receberá, por sua vez, maior atenção por parte desta pesquisa. A ênfase será dada na classificação dos operadores argumentativos e sua aplicação e utilização dentro de textos dissertativos argumentativos.

## CAPÍTULO II

O capítulo que se segue abordará os operadores argumentativos. Na primeira seção, será apontado como os gramáticos conceituam tais elementos e, em seguida, a forma como a persuasão pode ser explorada através dos mesmos. Por fim, os principais conectivos serão conceituados conforme seu teor argumentativo.

### 2. OPERADORES ARGUMENTATIVOS

Ao se observar o comportamento humano, uma das percepções possíveis que se pode ter é de que boa parte das relações humanas se dá por meio da linguagem. Em uma situação comunicativa, se a intenção do enunciador é persuadir seu interlocutor, pressupõe-se, portanto, a utilização de uma defesa de ideias pautada em argumentos convincentes e bem elaborados. Daí, não basta somente sustentar a tese em questão, mas, também, utilizar os mecanismos linguísticos capazes de estruturar o discurso de forma a torná-lo mais atraente ao ouvinte e, conseqüentemente, contribuir para a adesão da ideia proposta.

Logo, para que essa efetividade persuasiva tome forma, pode-se fazer uso de mecanismos denominados operadores argumentativos. Entretanto, uma abordagem buscando outros aspectos dos operadores ainda se faz necessária, uma vez que são vários os estudiosos os quais seguem outras linhas de teorização e não o aspecto o qual interessa a presente pesquisa, o caráter persuasivo.

Observa-se, por exemplo, como o autor Cunha (1986), define os conectivos de forma simples, sem trazer em sua definição outras informações a respeito dos operadores:

Vocábulo invariável que serve para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração

Bechara (2001), por sua vez, conceitua a conjunção levando em consideração somente aspectos sintáticos. Como destaca o estudioso Charleston Chaves<sup>8</sup> o autor, a princípio, chama o conector de transpositor, dizendo que a sua função seria reunir orações e depois, na lista de conjunções coordenadas, cita exemplos de ligações

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/53/14.pdf>>. Acesso em 29 de outubro de 2012

efetuadas pelas conjunções, não em relação a orações somente, mas também de termos entre si:

Conector e transpositor – A língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado.

Essas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções, que se repartem dois tipos: coordenadas e subordinadas.

(...)

Daí ser a conjunção coordenativa um conector.

Como sua missão é reunir unidades independentes, pode também “conectar” duas unidades menores que a oração, desde que do mesmo valor funcional dentro de mesmo enunciado. Assim:

Pedro e Maria (dois substantivos)

Ele e ela (dois pronomes)

(...)

Dessa forma, deve-se ir além dessas conceituações gramaticais e explorar o teor persuasivo dos operadores argumentativos com os alunos. Deve-se deixar claro para eles que existem outras formas de utilizar as conjunções e de que esse uso mais abrangente possibilita, ao mesmo tempo, uma produção textual mais coesa e convincente. Assim, como bem destaca Koch (2000), a qualidade ou não do texto desenvolvido dependerá exclusivamente da argumentação. Assim, ela define o argumento como aquele que:

[...] constitui atividade estruturante de todo e qualquer discurso, já que a progressão deste se dá justamente por meio das articulações argumentativas, de modo que se deve considerar a orientação argumentativa dos enunciados que compõem um texto como fator básico não só de coesão, mas principalmente de coerência textual.

A própria autora, ademais, complementa suas ideias enfatizando que os argumentos são responsáveis pelo encadeamento dos enunciados, estruturando-os e determinando a sua orientação discursiva.

A respeito dos operadores, Vogt (1980) expõe:

[...] os operadores argumentativos correspondem a marcadores de subjetividade, com a função de orientar a sequência discursiva de um enunciado, levando o interlocutor a determinada conclusão, e seu estudo deverá indicar o propósito dos falantes na elaboração do discurso e na sua estruturação enquanto texto.

Dessa maneira, os operadores, além de serem responsáveis pela coesão do texto, possuem uma carga retórica própria, a qual desenvolve nos alunos a habilidade de captar o que o emissor<sup>9</sup> intencionava dizer e de apreenderem, amplamente, todas as possíveis significações interpretadas a partir do contexto.

De acordo com Oliveira (1999):

Ducrot, ao formular os princípios básicos da Semântica Argumentativa, chamou de operadores argumentativos a um grupo de elementos da gramática, cujo objetivo fundamental é revelar a argumentatividade inerente a determinados enunciados e direcioná-los a uma conclusão específica de acordo com as condições de uso.

Ducrot (1988), enquanto criador da Semântica Argumentativa, apresenta uma de suas teorias para a análise, mais aprofundada, dos operadores argumentativos: *A Escala Argumentativa*. Essa trata do caráter escalar dos argumentos. Isto é, uma escala argumentativa ocorre quando dois ou mais enunciados de uma classe apresentam-se em gradação de força crescente no sentido de uma mesma conclusão. Exemplificando:

diz-se que **p** é um argumento para a conclusão **r**, se **p** é apresentado como devendo levar o interlocutor a concluir **r**. Quando vários argumentos – **p**, **p'**, **p''**... – se situam numa escala graduada, apontando, com maior ou menor força, para a mesma conclusão **r**, diz-se que eles pertencem à mesma escala argumentativa. (KOCH, 2004)

Como exposto anteriormente, são muitas as questões as quais a gramática não se detém a explicar. Uma delas é a escala, a qual conceitua os operadores argumentativos sob os aspectos gramaticais e, sobretudo, os persuasivos. Por exemplo, a conjunção “por isso” é considerada pelas gramáticas do português (tais como a *Moderna Gramática do Português* de Bechara e a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Cunha) como conjunção conclusiva, pois estabelece relação de conclusão entre a oração antecedente e a conseqüente. Porém, para a Semântica Argumentativa, o mesmo conectivo é resgatado com a ideia de “introduzir uma conclusão relativa a argumentos apresentados, reforçando as ideias propostas nos enunciados anteriores” (Koch, 2004). Daí, tornando-se evidente a importância

---

<sup>9</sup> No que compete a presente abordagem, o papel do emissor se detém na figura do orador/escritor que, através de argumentos bem elaborados e técnicas retóricas, profere uma mensagem de tal forma que induzi o auditório/leitor a aceita-la ou negá-la. N. A.

da escalaridade na descrição sistemática da língua. Ducrot (1988), ainda, fundamenta a ideia como gerada por variados fenômenos lingüísticos. A seguir:

- I. a negação correspondente a 'até' é '*nem mesmo*' (*nem sequer*), forma de negar que situa o conteúdo da oração numa classe argumentativa; entretanto a negação '*nem mesmo*' atinge a escala argumentativa como um todo, e assim cria outra escala, cujos argumentos aparecem com orientação invertida, em apoio à conclusão contrária daquela que é introduzida por '*até mesmo*;
- II. as conjunções coordenativas, como por exemplo, '*mas*', '*pois*', '*já que*' e algumas subordinadas (como '*embora*') são adequadas à tarefa de explicitar uma relação entre argumentos e conclusões;
- III. a noção escalar explica certas escolhas, à primeira vista não-motivadas, que fazemos entre as diferentes maneiras de construir as frases comparativas;
- IV. explica a interação com as chamadas "expressões de polaridade negativa".

Complementando, também, a forma como se dispõem e conceituam os operadores argumentativos, Koch (2004), os classifica em nove tipos, de acordo com as funções (relações semânticas) que desempenham. A seguir, encontra-se a lista com os principais:

a) operadores que assinalam o argumento mais forte dentro de uma escala que direciona para determinada conclusão: *até, mesmo, até mesmo, inclusive*.

b) operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão: *e, também, ainda, não só... mas também*.

c) operadores que introduzem uma conclusão relacionada a um argumento apresentado anteriormente: *portanto, logo, pois*.

d) operadores que permitem introduzir argumentos alternativos e levam a conclusões opostas ou diferentes: *ou, ou então, quer... quer*.

e) operadores que estabelecem relações de comparação entre elementos, visando atingir determinada conclusão: *mais que, tão... como*.

f) operadores que introduzem uma justificativa ou explicação: *porque, já que, pois*.

g) operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias: *mas (porém, contudo, todavia, entre outros), embora (se bem que, ainda que, posto que, entre outros)*.

h) operadores que introduzem conteúdos pressupostos: *já, ainda, agora*.

i) operadores que, de acordo com a maneira que foram empregados, podem tanto estabelecer uma conclusão positiva, quanto uma conclusão negativa: *tudo, todos (afirmação), nada, nenhum (negação)*.

De posse das conceituações e teorias referentes aos operadores argumentativos far-se-á, no capítulo seguinte, a identificação desses em redações elaboradas por alunos de Língua Portuguesa do ensino médio a fim de se perceber como os alunos fazem uso de tais conectivos. Buscar-se-á identificar a presença dos traços persuasivos inerentes a esses conectivos e se os estudantes, por sua vez, conseguem se aproximar de seu real uso.



### CAPÍTULO III

Este capítulo tem como objetivo a confrontação entre as teorias já apresentadas com fragmentos de textos dissertativos produzidos por alunos de Língua Portuguesa do Ensino Médio. A forma como os alunos fazem uso dos operadores será analisada por meio das características persuasivas que compõem os Operadores Argumentativos.

#### 3. O TEXTO DISSERTATIVO NO AMBIENTE ESCOLAR

Após a conceituação da Retórica e dos Operadores Argumentativos, far-se-á a exposição de fragmentos de redações elaboradas por alunos do 2º ano do Ensino Médio, buscando destacar como os estudantes fazem uso de tais recursos mesmo sem conhecerem as teorias e o caráter persuasivo que os estruturam.

Os dados analisados foram coletados durante a execução do Estágio Supervisionado II (disciplina obrigatória do Curso de Letras em Português/Inglês do Centro Universitário de Brasília - UNICEUB) que ocorreu no período do mês de outubro de 2012, no Centro de Ensino Médio Elefante Branco – CEMEB, localizado na Asa Sul de Brasília (DF).

Aproveitando que o professor, no período do estágio, trabalhava com a elaboração de redações baseadas em uma estrutura de causa e consequência, sugeriu-se aos alunos que compusessem redações seguindo o seguinte esquema: **1º parágrafo:** Apresentação do **TEMA** com ligeira ampliação; **2º parágrafo:** **CAUSA(S)** com explicações adicionais; **3º parágrafo:** **CONSEQUÊNCIA (S)** com explicações adicionais; **4º e último parágrafo:** Expressão inicial (retomada ao tema) + Proposta de Solução e/ou posicionamento + Final (voltado para o futuro, com otimismo). O tema da redação era: “***Não quer trabalho, dê trabalho ao adolescente***”.

Em posse das dissertações prontas, iniciou-se o processo de identificação de operadores argumentativos nesses textos. Escolheu-se uma redação de cada turma e o critério para a seleção dos fragmentos baseou-se nos operadores argumentativos que apresentaram, com mais evidência, as relações semânticas fundamentais para a argumentatividade. O objetivo foi encontrar um objeto que

servisse como parâmetro e que pudesse ser comparado aos conceitos até agora apresentados fazendo-se, portanto, um paralelo entre teoria e prática.

Para que não haja distorção das intenções ideológicas propostas pelos discentes no momento em que conceberam seus textos, os trechos escolhidos serão expostos sem nenhum tipo de revisão e/ou ressalva gramatical.

Na exposição, os alunos serão identificados como **Aluno 1**, **Aluno 2** e assim por diante. Tal nomenclatura, objetiva manter em sigilo a identidade de cada um deles e, também, para destacar que os fragmentos foram desenvolvidos por estudantes distintos. Em um primeiro momento, os operadores serão elencados de acordo com a frequência com que aparecem nas redações e pelas características que possuem. Logo em seguida, os operadores serão conceituados e será feito um contraponto entre a intenção do aluno e a conceituação do conectivo.

Nas 10 redações selecionadas a incidência dos operadores é a seguinte, medida em número de ocorrências: *portanto* (1); *até mesmo* (1); *já que* (1); *então* (3); *também* (3); *porque* (4); *só* (4); e (22).

### 3.1 PORTANTO

*“A necessidade dos jovens de entrar logo cedo no mercado de trabalho vem das dificuldades que enfrentam em casa. Como os pais estão desempregados os filhos são a solução dos problemas, assim, entram no mercado e ganham metade do salário mínimo, para trabalharem muito mais que os próprios terceirizados do setor.*

***Portanto***, *as dificuldades que os adolescentes tem de entrar no mercado de trabalho, pode ser solucionado com o investimento do governo em cursos de qualificação”*. (Segundo Parágrafo)

#### **Aluno 1**

O conectivo *Portanto* introduz uma conclusão relativa a argumentos apresentados em enunciados anteriores (Koch, 2004). Nota-se que aluno utilizou de forma pertinente o conectivo, pois, após a exposição de uma ideia, ou de uma sequência de ideias, enfatizou, por meio do uso dessa conjunção, a qualidade de seus argumentos anteriores. Contudo, considerando que o conectivo em questão foi

utilizado somente uma vez pelos estudantes selecionados, infere-se que eles não estão habituados com o uso dessa conjunção em suas produções textuais.

Cabe ao professor, o papel de explorar com mais afinco as propriedades desse operador perante seus alunos, pois, além da característica conclusiva, o conectivo pode ser aplicado como um elemento de resumo e/ou de recapitulação de argumentos. Em termos persuasivos, consegue, quase sempre, a adesão à ideia proposta, uma vez que o argumento é validado por meio da conclusão que vem logo depois desse operador.

### 3.2 JÁ QUE / PORQUE

*“[...] é necessário então, algumas providências para tentar diminuir o índice de criminalidade na adolescência, como: estágio regularizado, **já que** muitos afirmam que não trabalham por considerar o estágio uma tremenda exploração. [...] e isso é um problema muito grande para a sociedade, **porque** a cada dia queremos que o desenvolvimento do nosso país com relação aos analfabetos diminua”.*

#### Aluno 2

*Já que* e *Porque* se assemelham devido ao fato de introduzirem uma justificativa ou explicação relativa ao enunciado anterior. O aluno 2 aplica corretamente o conectivo. Após expor seu ponto de vista, o justifica por meio de um bom argumento.

Mais usual que o operador *Já que*, o *Porque* é um dos conectivos mais frequentes entre os estudantes. No trecho acima, a conjunção foi aplicada pelo aluno 2 sem grandes problemas. Após a exposição de sua ideia, o estudante fez uso do conectivo para, em seguida, expor sua justificativa.

No que compete ao caráter persuasivo, ambas as conjunções podem ser bem aplicadas para explicitar o argumento proposto e tornar, conseqüentemente, a ideia mais acessível ao leitor.

### 3.3 ENTÃO / TAMBÉM

“**Então** seria muito bom se os adolescentes saíssem da rua e fosse para o mercado de trabalho, assim não teria meninos no mundo da droga, para obter dinheiro e de forma ilegal, isso **também** faria com que houvesse mais harmonia entre os pais e seus filhos dentro de casa”. (Último Parágrafo)

#### Aluno 3

*Então* é utilizado para introduzir argumentos alternativos que conduzem a conclusões diferentes ou opostas; Parafraseando Guimarães (1987), as gramáticas do português consideram *logo*, *portanto*, *por isso*, *então* conjunções conclusivas porque estabelecem relação de conclusão entre a oração antecedente e a consequente, ou seja, o que se diz na segunda é conclusão do que se diz na primeira. Fazendo um paralelo com a teoria dos operadores argumentativos conceituada anteriormente, deve-se destacar que a Semântica Argumentativa resgata, como operadores argumentativos que “introduzem uma conclusão relativa a argumentos apresentados em enunciados anteriores, com o objetivo de reforçar e defender a ideia antes proposta” (idem, 1987).

No trecho acima, o aluno 3 compreende o teor conclusivo do operador *Então*, entretanto, como o modelo proposto era o de causa e consequência, o mesmo poderia ter se valido de conectivos como, por exemplo, *consequentemente* ou *sendo assim*, os quais foram apresentados aos alunos durante as aulas preparatórias.

O “*Também*” é conceituado por Koch (2004) como argumentos que somam a favor de uma mesma conclusão. Percebe-se que o Aluno 03 utiliza o conectivo com a mesma aplicação da palavra *mas*. A carga persuasiva do *também* é alta, pois, quando utilizado após a exposição de uma primeira ideia, que no caso é a frase “*Então seria muito bom se os adolescentes saíssem da rua e fosse para o mercado de trabalho*”, intensifica o argumento proposto.

### 3.4 ATÉ MESMO

*“Em consequência disso, vemos cada vez mais um enorme número de adolescentes, homens mulheres, vivendo à margem da sociedade, estando envolvidas com o consumo e tráfico de drogas, a gravidez precoce, e em alguns casos, **até mesmo** a prostituição”. (Último Parágrafo)*

#### Aluno 4

Conforme Koch (2004), *até mesmo* é tido como um organizador hierárquico dos elementos numa escala, assinalando o argumento mais forte para uma conclusão **R** (termo utilizado por Ducrot quando fala sobre a Escala Argumentativa, mencionando a utilização de dois ou mais enunciados de uma classe, os quais são apresentados em gradação de força crescente no sentido de uma mesma conclusão). A aluna 4, eficientemente, consegue explorar toda a propriedade do conectivo. Ela apresenta as ideias de forma gradativa e convence o leitor, como considera Aristóteles (2005), pelo absurdo.

É um operador pouquíssimo utilizado pelos alunos. Pode ser considerado um conectivo sofisticado e que possui grande teor estilístico, uma vez que na mesma medida que confere crédito ao escritor por fazer uso de um conectivo diferenciado, sugere ao leitor quão bom é o argumento exposto.

### 3.5 SÓ

*“Isso ocorre porque o governo está lavando as mãos para o povo brasileiro, **só** querem saber de roubar, de corrupção, mensalão e tudo que está em pauta hoje em dia”.*

#### Aluno 5

Koch (2004) considera que o conectivo *só* pode ser distribuído em escalas distintas, dependendo somente da intenção do leitor e do ponto de vista o qual ele quer defender, isto é, pode existir uma escala orientada para a afirmação total ou uma escala orientada para a negação total.

No supracitado trecho, o aluno 5 utiliza o operador em escala de afirmação total, afirmando as razões pelas quais o governo não se importa com o povo brasileiro.

A utilização dessa conjunção foi significativa dentro das redações trabalhadas. Os alunos, mais comumente, fizeram a aplicação do operador buscando a restrição ou a ressalva de alguma ideia. Nos textos dissertativo-argumentativos o só é bem útil quando se escolhe um lado (por exemplo, em temas polêmicos como política e religião) e se busca defendê-lo veementemente, como ocorreu na produção do aluno 5.

### **3.6 E**

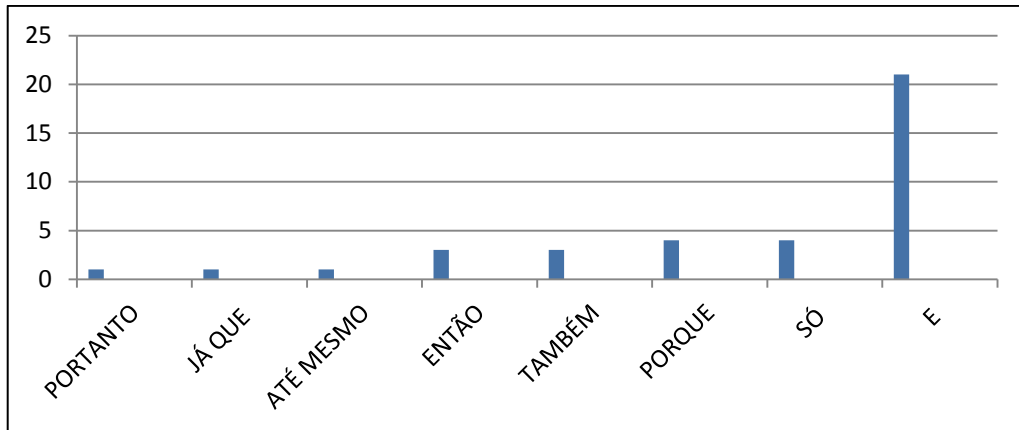
*“O mercado de trabalho busca cada vez mais os jovens, porque esses são mais flexíveis e custão muito pouco em relação aos trabalhadores adultos”.*

#### **Aluno 6**

Sobre o conectivo e Guimarães (1987) afirma que é utilizado quando ocorre a soma de argumentos que possuem a mesma força argumentativa.

O “E” é muitas vezes utilizado tão somente com mero conectivo. Entretanto, possui outra propriedade muito válida no que compete a argumentação, a intensificação de ideias. No fragmento em análise, por exemplo, o aluno 6, talvez sem notar, conseguiu utilizar esse outro recurso, pois, ao elencar duas características dos jovens: flexíveis e de mão-de-obra barata, não simplesmente utilizou o conectivo para justapor as sentenças, mas, também, deu ênfase ao argumento de que os jovens custam menos para o mercado de trabalho.

O e apareceu em abundância nas 10 produções textuais escolhidas para a presente análise. Para que se possa explicitar e mensurar tal ocorrência veja o Gráfico a seguir:



**Gráfico 01:** Número de ocorrências dos operadores nos dados argumentativos.

Mesmo sendo o operador e o mais utilizado, o único aluno que o aplicou como intensificador de ideias foi o aluno 6. Daí, não é equívoco pensar que se faz necessário apresentar tal conjunção de forma mais pormenorizada com os alunos com o intuito de clarificar os aspectos argumentativos inerentes ao conectivo, pois, somente assim, os educandos conseguiriam explorar toda a propriedade persuasiva da conjunção.

De forma geral, percebe-se que os alunos produzem seus textos de forma, instintiva, baseando-se muito na língua falada. Possuem pouca familiaridade com as estruturas gramaticais e têm enorme dificuldade em organizar suas ideias. Nota-se que a relação autor/leitor não é considerada pelos estudantes, da mesma forma que não procuram convencer aqueles que irão ler seus textos. Eles não se atentam ao fato de que estão escrevendo para alguém e se expressam de forma confusa, o que dificulta a interpretação. Já na produção de textos dissertativo-argumentativos, expõem bons argumentos, mas, em contrapartida, não exploram todo o convencimento e a persuasão de suas ideias.

Durante a execução do Estágio Supervisionado II, os alunos, em diálogo informal, após serem questionados da razão pela qual detestam tanto as produções textuais, confidenciaram que no momento de elaborarem suas redações muitas vezes possuem diversas ideias, conhecem bem o assunto escolhido, mas, na hora de passar tudo para o papel sofrem bastante.

Muitos, enquanto faziam as leituras exigidas, ao término dessas, diziam que não compreenderam nada do que tinham acabado de ler. Foram demonstradas, então, as estratégias de leitura *skimming* (leitura rápida para apreensão da ideia

principal do texto), *scanning* (leitura rápida para se buscar informações específicas no texto) e *selectivity* (seleção de uma parte do texto para interpretação) as quais são muito utilizadas no ensino de Inglês Instrumental. O foco foi possibilitar que soubessem procurar as informações dentro do texto, de que forma fazer e para quê.

A resposta à atividade foi satisfatória e muito pode ser apurado. O que ficou evidente é que conhecem pouco da estrutura gramatical e da disposição do texto em si. Grande maioria só compreende que se deve falar do tema na introdução, jogar outras ideias no desenvolvimento e, na conclusão, dar desfecho a coisa toda. Quando chamados atenção para os conectivos que havia no texto e para que eles serviam, os alunos logo começaram a entender a lógica da coerência e coesão. Mesmo eles estando no segundo ano do Ensino Médio, acharam aquela forma de trabalhar o texto interessante e diferente do que usualmente lhes era ensinado.

Com base nessa experiência *in loco*, evidencia-se quão elementar para a resolução de tais dificuldades é o professor. Os educadores, por meio da utilização dos operadores, podem contornar todas essas carências de forma efetiva. Os alunos já conhecem bem as conjunções, porém não sabem de seu poderio persuasivo e de suas características específicas. Basta que o professor, além do conceito gramatical, exponha as propriedades argumentativas dos conectivos e demonstre como eles se aplicam dentro do texto. Quando os alunos estiverem em meio ao processo de produção, já estarão conscientizados do uso dos operadores e farão, conseqüentemente, a aplicação mais apropriada de cada um deles.

Assim sendo, para que o processo de produção de texto não seja tão angustiante e complexo para os estudantes, o docente precisa conscientizar os alunos da importância dos operadores para a estruturação e orientação argumentativa do texto, pois, somente de posse desse conhecimento é que serão bem sucedidos na interpretação e na produção de textos dissertativo-argumentativos.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que a utilização dos operadores argumentativos é indispensável para uma comunicação efetiva e para um amadurecimento cognitivo, quer no ato da fala, quer no ato da escrita. No que compete à produção de textos dissertativo-argumentativos, constatou-se que essas conjunções conferem ao texto uma unidade textual, pois, além de interligá-lo de forma coesa e coerente, tornam-no mais atraente ao leitor, fazendo com que ele aceite a ideia proposta.

O objetivo deste trabalho foi, em um primeiro momento, teorizar sobre as técnicas persuasivas a fim de torna-las notórias por parte do leitor para que, em seguida, se pudesse conceituar os operadores argumentativos e demonstrar, especificamente, a forma como as conjunções podem ser utilizadas para manipular as informações desejadas.

Quando de posse das produções textuais, o que se pôde notar foi que os alunos estão pouco familiarizados com tais recursos linguísticos e os utilizam, na maioria das vezes, de forma inconsciente e aleatória sem se darem conta do real valor persuasivo que esses elementos detêm.

Esse uso indiscriminado foi notado, por exemplo, quando se analisou o Gráfico de ocorrência de operadores e percebeu-se que a porcentagem de alunos que utilizam o conectivo *e* é alta, entretanto, somente um dos estudantes consegue subtrair toda a capacidade persuasiva da conjunção. Os alunos poderiam, a partir dessa percepção, ter sua atenção despertada para a carga persuasiva presente nesse operador que eles tanto utilizam.

Ainda, sobre o Gráfico, é interessante ressaltar que os operadores *Portanto*, *Já que* e *Até mesmo* são os menos utilizados. Esses elementos são os que mais atribuem crédito ao escritor, induzindo o leitor a depositar toda sua crença na ideia proposta. Esses elementos deveriam, inegavelmente, ser explorados com mais profundidade pelos educadores a fim de propiciar aos estudantes uma sofisticação em sua escrita.

Considerando, por fim, os dados sobre os conectivos *Então*, *Também* e *Porque* é perceptível que a marcação desses elementos confere ao texto um ritmo de continuidade e coerência. Poderiam ser demonstrados para os alunos de forma a

compreenderem a importância de se ter, em suas composições, uma unidade textual e de um texto facilmente compreensível e, conseqüentemente, mais convincente.

Para que a dificuldade encontrada pelos alunos em criar seus textos argumentativos seja contornada, a sugestão é a de que haja uma intervenção direta no ensino até então ofertado pelas escolas. Para que tal meta seja atingida, ninguém melhor do que o professor para servir como agente desse processo, desenvolvendo com os estudantes todas as propriedades retóricas dos operadores argumentativos.

Como proposta de ensino/aprendizagem, os educadores deveriam trabalhar os operadores argumentativos demonstrando, inicialmente, certos aspectos da língua como, por exemplo, a sua variedade linguística. Deve-se deixar claro para os alunos que a língua não é uniforme e varia de forma natural, sempre de acordo com as condições de comunidade de seus falantes. É necessário, ainda, conscientizá-los de que eles já possuem um conhecimento intuitivo das regras de sua língua, uma gramática internalizada, a partir da qual podem ampliar seu conhecimento sobre a gramática normativa.

Daí, estando o aluno de posse dessa compreensão funcional e discursiva da língua, o professor pode mediar o conhecimento por meio de textos funcionais, sintonizados com os interesses e a faixa etária dos estudantes, explicitando itens como os operadores argumentativos e outros aspectos gramaticais relevantes que se queira desenvolver com os alunos.

É, sem dúvida, um processo árduo de conscientização, mas, ao mesmo tempo, fundamental para que os estudantes explorem toda a sua capacidade crítica e persuasiva, sendo capazes de fazerem a melhor escolha possível, seja na produção de um texto, seja em sua vida pessoal.

## REFERÊNCIAS

**ARISTÓTELES.** *Retórica*. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

**BECHARA,** Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

**COBERTT,** Edward. *Classical Rehtoric for the Modern Man*, New York: Oxford University Press, 1971.

**COSTA,** Wellington Borges. Concluindo a introdução. *Revista Discutindo Língua Portuguesa*, v.1, n. 4, p.38-39, 2002.

**CUNHA,** Celso. *Gramática de base*. 4. ed. Rio de Janeiro: FAE – Ministério da Educação, 1986.

**DUCROT,** Oswald. *O Dizer e o Dito*. Campinas: Pontes, 1988.

**KOCH,** Ingedore Grunfeld Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

**LIMA,** Marcos Aurélio de. *A retórica em Aristóteles: da orientação das paixões ao aprimoramento da eupraxia*. Natal: IFRN, 2011.

**LUZ,** A. R. L. *Ensaaios Filosóficos*. Rio de Janeiro, 2010.

**MOTTA,** Daniel Caraúna de. *As sete habilidades para influenciar pessoas*. Salvador, 2009.

**OLIVEIRA,** Esther Gomes de. *Operadores argumentativos e marcadores discursivos na língua falada*. São Paulo: USP, 1999.

**PERELMAN,** Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

**VOGT,** Carlos. *Linguagem, pragmática e ideologia*. São Paulo: HUCITEC/FUNCAMP, 1980.

Disponível em: <<http://www.rhetorike.ubi.pt/00/pdf/alexandre-junior-eficacia-retorica.pdf>>. Acesso em 14 de outubro de 2012

Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/53/14.pdf>>. Acesso em 29 de outubro de 2012.

Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/2890820>>. Acesso em 15 de setembro de 2012.

Disponível em:

<<http://www.essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/enletrarte/article/viewFile/1701/885>>.

Acesso em 16 de outubro de 2012.

Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com.br/historiageral/origem-escrita.htm>>. Acesso em: 15 de outubro de 2012